

Rotina

A luz solar iluminava as partículas de poeira que pendiam no ar em uma valsa tola, estas de tempo em tempo davam trabalho aos moradores do número 126 de um bairro qualquer. Estacavam nas superfícies de cômodas mofadas, criados mudos de tinta já descascada, cadeiras sem estofado, um relógio de parede o qual as pilhas esqueceram de trocar, roupas que se acumulavam em um canto qualquer do corredor e principalmente no topo inalcançável do novo guarda-roupa — o antigo fora jogado em um terreno baldio próximo, guardava apenas mofo que constipava todos na casa e um espaço precioso naquele cubículo diminuto de tijolos, cimento e alguns azulejos. Este último fora comprado pela terceira filha da família e dividido em oito vezes no seu cartão de crédito, o único da casa — ao menos, o único que não possuía seu limite atrelado à colossais taxas de juros sobre às dívidas iniciais resultando num buraco negro do qual nenhum indivíduo sai vivo.

Ela, já levantava do colchão posto no chão, seu irmão mais novo dormia na cama ao seu lado, tinha medo de escuro, relâmpagos e tiros, e então não conseguia dormir sozinho. Ela dobrava o cobertor que um dia fora felpudo e o guardava no guarda-roupas enquanto tentava ignorar a dor latejante em suas coxas, inspirava o cheiro da madeira nova salpicado de naftalina. Colocava a cobertura lá e parava. Respirava mais um pouco aquele cheiro que deixava gosto de madeira barata em sua língua, sentia orgulho e prazer. Ela o comprará! Servia quase como uma meditação aquele momento, ver seus esforços serem transmutados em um objeto palpável.

Percebera de súbito que não sentia mais o cheiro de madeira, mas sim, de um amargo odor de café. E então o tempo voltou a fazer parte do universo que havia na cabeça da garota, e este seguia, tão pouco se importava com os sentimentos da garota, que deveria ir a seu encaixo. Abria uma gaveta do guarda-roupas e pegava seu uniforme de trabalho: uma camisa de botões laranja pastel, uma saia midi listrada em branco e marrom e uma camisa cinza de manga comprida e felpuda. Se trocava já pensando em que tipo de maquiagem usaria. Resolver não colocar nada demais: base para esconder a pele maltratada pelo sol que pegava todas as manhãs de sua vida, corretivo para sobrepor as olheiras que havia recebido de presente da vida moderna, rímel para lhe dar um ar de confiança simulada, blush para saltar-lhe de rosa as bochechas de uma juventude perdida, e por fim um batom nude para ser atraente na visão de um outrem que veste as lentes da sociedade. Apenas a rotina de sempre.

Meia calça às pernas, sapatos aos pés, um terço no pescoço e perfuma para esconder qualquer odor desagradável, fazia fora do quarto para não incomodar seu irmão que lá dormia, o pobrezinho era a alérgico a qualquer cheiro forte. Por fim, pegava sua bolsa na cômoda repleta de pulseiras, cremes, papeis, uma edição seminova de “Olhos D’água” e entre diversas outras bugigangas, e então seguia para a cozinha. Lá uma senhora pouco mais alta que o fogão, coava o café numa bancada de granito.

— Bença, mãe. — diz a garota se curvando e beijando a cabeça de sua mãe.

— Deus te abençoe. — A senhora responde e estala sua boca em um beijo no ar quando sente o toque da filha. — Vê se toma esse café rápido, que’cê tá atrasada. Hoje a mãe trabalho aqui do pertinho mesmo então não precisa preocupar não, tá?

— Tá... tem certeza que a senhora não quer que te leve? — Ela se servia de uma xícara de café adoçado com cinco gotas de adoçante, e um pão cortado horizontalmente e pincelado de margarina. — Ou pelo menos te busque?

— Não, não. Pode ficar despreocupada que eu consigo sozinha — um sotaque próximo ao norte de Minas puxava a sua língua desde bem pequena, e mesmo hoje ainda estava lá.

— Chama o Eric pelo menos...

— Não, não. Aquele lá tem que estudar, quero vê ele que nem ocê, e não eu aqui.

As duas sorriam, uma de pesar, já a outra de uma euforia controlada.

— Já que é assim então tá. Vou indo então, mãe, que hoje deve ter um monte de cliente lá! — Ela se levantou pegando a bolsa e foi em direção à porta da casa.

— Deus te abençoe e juízo. 'Té mais se Deu quisé.

A mãe então olha para o lado e de súbito se levanta da cadeira gritando:

— Ou! Péra, tá esquecendo nada não?! Aqui sua marmita — ela ergue na mão uma vasilha plástica, para hoje: feijão, arroz temperado, algumas folhas de alface com cubos de beterraba e um tênue bife de fígado.

— Desculpa, mãe. — Ela pega a marmita e a coloca na bolsa.

— Ocê e essa cabeça hein, Jo-... Joana.

— Desculpa, mãe.

— Vai com Deus.

— Amém.

E então ela segue como sempre pela rua quase asfaltada, em direção ao ponto de ônibus. Pegar o 3303, depois descer na estação pegando o 51 e por fim o 1317B e enfim chega no trabalho. Apenas o trânsito de todo dia.

Nos ônibus, nada demais: pessoas aglutinadas como vermes em um intestino maltratado, alguns vendedores de doces, capinhas para celulares ou qualquer outra coisa que chame atenção de pessoas conectadas às tecnologias para viver uma realidade que não os pertencem. E novamente a mulher esqueceu seu livro na cômoda e passa as duas horas de viagem a analisar a paisagem de baobás de metal, concreto e vidro que recobre o centro urbano. No terceiro ônibus, se deparou com um homem o qual as roupas mal lhe cobriam o corpo, ele pedia dinheiro ou qualquer coisa que ele pudesse comer, ela... dinheiro não tinha, mas havia sua marmita. Não, não a deu ao homem, ela precisava comer também, talvez não tanto quanto ele, mas precisava, pois, trabalhava. Ao menos fora a melhor desculpa que arranjou para não dar comida ao homem e não sofrer com um remorso de uma moral hipócrita.

Então enfim no trabalho, uma loja de roupas femininas para aquelas que tinham o mínimo de capital sobressalente após quitar as contas do mês. Diversas pessoas que entram e sai, atendentes como ela que fingem simpatia a rostos desconhecidos, o coração partido de ver que uma cliente a qual você gastou tanto tempo para convencer a comprar aquele conjunto de camiseta e saia no final experimentou e saiu da loja sem deixar nada mais que seu perfume forte de baunilha. No almoço, a loja estava vazia e ela conseguia desfrutar da comida de sua mãe, sublime como sempre, a salada com sabor azedo do vinagre, o arroz ligeiramente picante com

a açafração, o feijão al dente e suculento, e no bife ela podia sentir perfeitamente a orquestra formada pela cebola, alho, sal e o molho especial de sua mãe.

A tarde a loja ficou cheia e uma mesma atendente necessitava observar quatro ou mais clientes ao mesmo tempo, auxiliando a comprar roupas as quais a maior parte das que trabalhavam lá nem mesmo poderiam se dar ao luxo de as vestir algum dia. E então, a noite cai, sem lua por hoje. Lá se foi mais um dia normal no trabalho. E o tédio e sensação de impotência recaem novamente, assim como sempre, na mente de Joana. Ela se despede das colegas e rumo novamente para o ponto de ônibus, novamente em horário de pico, novamente horas sem sequer dobrar as pernas.

O “toc-toc” que seus sapatos produziam na calçada ecoava entre os prédios da rua, alguns com as luzes acesas enunciando que seus residentes já haviam chegado. A palavra “inveja” ecoava na mente dela. Na bolsa, agora além da marmita vazia, também levava um bolo no pote, havia ganhado de uma amiga e queria o dar de presente para Eric, como uma espécie de incentivo para que este continue na escola.

As luzes lampejaram às suas costas enquanto um vibrante estrondo se aproximava, não era seu ônibus, e a lagarta metálica avança furiosamente pelo asfalto. Enquanto a atendente de loja apenas esperava seu ônibus. Seus músculos relaxaram, sua cabeça parecia tão pesada — de forma física e psíquica —, um bocejo inundou sua boca. Apenas suas mãos à bolsa permaneceram firmes, não queria estragar o bolo o deixando cair ao chão. As mãos estavam tão firmes quanto aquelas que a agarraram pouco tempo depois dela ter chegado no ponto de ônibus.

Ela caiu ao chão e foi arrastada na calçada para um pequeno beco criado entre dois prédios. Suas pernas estavam cansadas demais para tentar reagir, com o susto deixou cair a bolsa e depois de tentar agarrá-la novamente, buscou parar seu movimento com as mãos. Duas unhas se quebraram no processo inútil de tentar escapar. Quando pôs sua cabeça para cima em busca de entender o que estava acontecendo, vira apenas duas sombras.

Sua mente disparou: fugir, agressão, impotência, bolo, cansaço, família, fim da linha. Todos estes pensamentos compilaram de súbito e nada mais além de um ciclo interminável de autotortura psicológica veio a sua mente neste instante. Sabia que devia fazer algo, mas que não conseguia. Nem mesmo sua garganta que já disparara diversas risadas incontroladas a ajudava, estava seca, fechada, completamente obstruída. Seus braços tentavam inutilmente se agarrar a algo. Sentia como se estivesse sendo levada pela correnteza de águas lúgubres, tentou parar o movimento se agarrando nos muros que delimitavam o beco. Nenhum afeito além de um corte na mão direita e mais algumas unhas esfoladas.

Lá, as sombras a prensaram no chão, antes incapaz, agora completamente imóvel, não havia refúgio nem mesmo em sua mente que premeditava toda e qualquer ação que iria sofrer por sabe-se lá quanto tempo, cinco minutos, uma hora, a noite toda. Não importava, já sabia naquele instante que os efeitos disso a afetariam por toda a sua vida.

Sentia uma das mãos puxar sua camisa para lados opostos enquanto arrebatava os botões desta. Algo invadiu sua boca como uma faca, a ânsia de vômito foi inevitável, porém, nada saiu. Queria ter forças para morder, arrancar aquilo, mas sua boca estava dormente demais

para que conseguisse reagir. Sua mente estava dormente demais, para conseguir fazer com que qualquer pensamento se tornasse ação. Todos eram barrados no filtro do desespero.

Sentiu um nariz avançar sobre seu esterno e o peso de uma cabeça sobre seus seios, os cabelos da sombra roçava seu queixo e exalava um cheiro insuportável de gel. Mais duas mãos apareceram, estas sobre sua cintura, extorquindo a saia de seu corpo. Agora, apenas conseguia suplicar em murmúrios de uma mente morta “não... não... não”.

Rasgaram a meia-calça com o furor de bestas, mas perceberam algo diferente. Havia um volume irregular entre as pernas totalmente trêmulas da garota.

— Ih! Demô azar, hein?! — Ela conseguia ouvir ao longe as vozes, como se uma parede de vidro intermediasse ela daqueles.

— É, mesmo?! E eu pensando que ia ser bom.

— Mas já que é assim, vamô dá pra “ela” — ele fez esta última palavras demorar em sua boca enquanto colocava um tom sarcástico em sua língua pútrida — o que ela merece.

— Então tá! Vamô fazer virar mulher mesmo!

Ela sentiu seu corpo se virando, sua cara bateu no chão. Estava escuro demais para ela tentar ver alguma coisa, mas sentia que eles se alternavam nas agressões. Ao mesmo tempo que se sentia invadida e completamente desprovida de qualquer humanidade, que sentia estar cada vez mais e mais suja e semelhante a um ser animalesco, o outro dava murros em sua cara, chutava sua costela. Em um momento uma dor a perfurou como agulha, sentira o estalo do seu braço a quebrar, suas costelas a se esmigalhar, e então ela não possuía qualquer sentido mais, aguardava sem fé alguma o fim daquele inferno. Sentia que não havia saída, mas buscava por uma, ainda queria ver se sua mãe chegou bem do trabalho, queria terminar de pagar as prestações do guarda-roupas, poder reformar a casa. Pelo menos poder entregar o bolo a seu irmão, ver se ele gostava daquilo.

Mas como? Seu esterno, fêmur, nariz, rádio, bacia, estômago, lábios, orelhas, cabelo, dignidade, felicidade, sanidade, sonhos e *vida*. Tudo isso fora arrancado dela de forma excruciante. O que sobrara de seu corpo estava em sangue que cobria a viela numa poça carmim que refletia a luz das estrelas. Sua cabeça fora pisoteada por patas definitivamente não humanas.

“Mas será o que ele iria falar do bolo?”

O sol novamente raia e revela o cadáver irreconhecível da moça estirado ao chão sobre o sangue seco no concreto.

E lá se foi mais um dia normal.